



## CAPÍTULO UM

*no qual se constrói uma casa para  
o Ió no Largo Puff*

Num dia em que o Urso Puff não tinha nada que fazer, pensou que o melhor era fazer alguma coisa, por isso foi até à casa do Porquito para ver o que é que o Porquito estaria a fazer.

Enquanto ele ia todo desengonçado pelo branco carreiro da Floresta, a neve não parava de cair, por isso esperava encontrar o Porquito à lareira a aquecer os dedos dos pés, mas qual não foi o seu espanto quando viu a porta aberta, e quanto mais olhava para dentro de casa mais o Porquito não estava lá.

«Saiu», disse o Puff tristemente. «Essa é que é essa. Não está. Agora terei de dar o meu Passeio para Abrir o Pensamento sozinho. Bolas!»

Mas primeiro pensou que era melhor bater à porta com muita força só para ter *bem* a certeza... e enquanto esperava que o Porquito não respondesse, ia pulando para se aquecer e, subitamente, veio-lhe à cabeça uma cantiga que lhe pareceu uma Ótima Cantiga, própria para ser Cantada com Esperança.

Quanto mais neva  
(Olariló-lai),

Mais tempo leva  
(Olariló-lai)  
Mais tempo leva  
(Olariló-lai)  
A nevar.  
E de lés a lés  
(Olariló-lai),  
Sinto os meus pés  
(Olariló-lai)  
Sinto os meus pés  
(Olariló-lai)  
A gelar.

«Portanto o que eu vou fazer», disse o Puff, «é isto. Primeiro vou a casa ver que horas são, e talvez ponha um cachecol à volta do pescoço, e depois vou ver o Ió e cantar-lhe esta cantiga.»

Voltou a correr para casa, e o seu espírito ia tão atarefado com a cantiga para o Ió ouvir, que, quando de repente viu o Porquito sentado na sua melhor poltrona, a única coisa que conseguiu fazer foi ficar ali espedado a coçar a cabeça e a magicar em que casa é que estaria.

«Olá, Porquito», disse. «Pensava que tinhas saído.»

«Não, Puff», disse o Porquito, «tu é que tinhas saído.»

«Pois foi», disse o Puff. «Bem me parecia que um de nós tinha saído.»

E olhou para o relógio da sala que tinha parado nas onze menos cinco há umas semanas.

«Quase onze horas», disse o Puff todo contente. «Chegaste mesmo a tempo para um bocadinho de alguma coisa», e enfiou a cabeça dentro do armário. «E depois, Porquito, vamos sair, e eu vou cantar ao Ió a minha cantiga.»

«Que cantiga, Puff?»



«A que vamos cantar ao Ió», explicou o Puff.

Meia hora mais tarde, quando o Puff e o Porquito se puseram a caminho, o relógio continuava a indicar onze menos cinco. O vento tinha abrandado, e a neve, cansada de correr em círculos atrás de si mesma, escorregava agora com jeitinho até encontrar um sítio para descansar, e às vezes esse sítio era o nariz do Puff e outras vezes não era, e não tardou muito que o Porquito estivesse a usar um cachecol branco em volta do pescoço, sentindo que nunca tinha tido tanta neve por trás das orelhas na sua vida.

«Puff», disse por fim, um pouco timidamente, porque não queria que o Puff pensasse que ele desejava Desistir, «tenho estado a pensar. Que tal se fôssemos para casa agora e *ensaiássemos* a tua cantiga, e cantávamo-la para o Ió amanhã... ou... ou depois de amanhã, quando o encontrássemos?»

«É uma excelente ideia, Porquito», disse o Puff. «Podemos ensaiá-la agora pelo caminho. Mas não vale a pena irmos a casa